

# CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Veja Class.: 05

Data: 21/09/77 Pg.: 68



A pajelança entre os assurini: um ritual religioso a ser preservado

### Denúncia à Funai

Dos vários contatos que manteve nos últimos anos com grupos indígenas, a antropóloga paulista Regina Müller, 27 anos, da Universidade de São Paulo, não retirou apenas material para sua produção acadêmica, que consiste até agora em duas teses (uma em elaboração) sobre a pintura indígena aplicada à cerâmica e ao corpo. Ao voltar recentemente das margens do Xingu, após uma estada de quarenta dias entre os índios assurini, ela trouxe também elementos para uma denúncia sobre violências cometidas contra a cultura daquele reduzido grupo de indígenas da família tupi, contatado no Pará em 1971.

A antropóloga encaminhou então um relatório à Funai. Segundo a denúncia, o chefe do posto local da Funai vinha combatendo a realização de antiquíssimos rituais dos assurini, além de comercializar a cerâmica indígena sem uma orientação adequada — o que, segundo Regina Müller, só contribui para desvirtuar a significação social que os índios tradicionalmente atribuem à sua produ-

ção artística. E até a sobrevivência dos assurini estaria ameaçada, teme a cientista. “Quando foram contatados, há seis anos, havia 76 pessoas na tribo. Hoje, ela está reduzida a 56 índios.”

Em função do relatório, a Funai formou um grupo de trabalho para estudar um programa de recuperação para o grupo assurini. Também determinou a seus funcionários no posto indígena que não interferiram mais nos ritos tribais. Se essa última recomendação for acatada, os assurini poderão continuar a praticar em paz uma quase esquecida cerimônia tupi conhecida como pajelança — ritual de invocação de espíritos contra doenças, do qual só existem atualmente algumas partes isoladas entre outros grupos tupi. Tão escassos eram os conhecimentos sobre a pajelança que muitos a supunham extinta entre as tribos brasileiras. Uma das poucas cientistas a presenciar uma pajelança completa, Regina Müller fala a Lígia Martins de Almeida, de VEJA, sobre os assurini:

VEJA — Por que você escreveu um relatório à Funai sobre os assurini?

REGINA — Eu já havia visitado a

### CIÊNCIA



Cerâmica assurini: valor arbitrário

tribo antes e, quando voltei, em abril passado, notei logo que os índios estavam mais magros em consequência de um surto de gripe. Quando cheguei, os índios tentavam combater a doença tomando os remédios deixados por uma equipe volante de saúde da Funai e, ao mesmo tempo, praticando seu ritual de cura, a pajelança.

VEJA — Como é esse ritual?

REGINA — Entre os assurini, esse ritual se reveste de especial interesse pois é realizado em toda a sua complexidade. O que vi se prolongou por quinze dias, entre danças, cantos e o uso de objetos rituais, como o charuto, a samambaia e uma espécie de mingau, o cauim. Esse ritual é celebrado pelo pajé, que retira do doente a “força negativa”, responsável pela moléstia, e lhe transmite a “força positiva”, que cura. O poder de curar, segundo a crença tupi, vem do contato que o pajé estabelece com entidades sobrenaturais, algumas delas identificadas com certos animais da floresta.

VEJA — E de que forma a pajelança está sendo ameaçada na tribo?

REGINA — A cerimônia está relacionada a aspectos da organização social dos índios. A liderança dos chefes, por exemplo, tem como uma de suas bases a capacidade que o líder demonstra de ser um bom pajé. E é justamente esta função religiosa que parece irritar o chefe do posto da Funai. Ele tenta impedir o ritual alegando que é prejudicial à saúde. Além desse tipo de pressão, passou a exercer outra mais forte, ameaçando cortar o mingau (leite em pó com maisena) dado aos índios e suspender os medicamentos dos que participassem do ritual.

VEJA — No relatório à Funai, você critica também a venda da cerâmica fa-

FOTOS RENATO DELAROLE